

a criança¹

sébastien faure*

Camaradas,

É da criança que vou lhes falar esta noite. Não conheço assunto mais cativante: nenhum ultrapassa sua importância.

Não conheço assunto mais cativante do que este ser alternadamente grave e sorridente, indiferente e apaixonado, cruel e sensível, calmo e colérico, sempre gracioso e poético.

Não conheço assunto mais importante do que os numerosos e graves problemas suscitados pelo estudo da criança, pois a criança é a inteligência que se abre, o julgamento que se forma, o coração que desabrocha, a vontade que se afirma, a consciência que desperta; pois a criança é, hoje, a fragilidade e a ignorância, e amanhã, o saber e a força; em resumo, o problema da criança é por inteiro o problema do futuro.

*Sébastien Faure (1858-1942) anarquista francês, realizou conferências pela Europa e participou de diversos jornais, entre eles, *Le Libertaire*, fundado junto com Louise Michel. Também colaborou com a cooperativa *Cinéma du peuple*. Dedicou-se à *La Ruche* (1904-1917), uma escola autogestionária. Morreu aos 84 anos em Royan, França.

O que é a criança? Um anjo descido dos céus, alguns dizem; um demônio vomitado pelos infernos, outros declaram. E aqui nos defrontamos, imediatamente, com duas escolas: aquela que irei nomear de escola pessimista e aquela que, por oposição à precedente, chamarei de escola otimista.

A primeira declara que a criança nasce profundamente má, que desde o berço traz todas as taras originais de natureza nociva a seu desenvolvimento normal, que é modelada totalmente a partir do lodo, inclinada às mais perversas tendências, sujeita aos mais perniciosos e miseráveis movimentos.

A outra escola afirma o contrário. Declara que a criança nasce boa; que, por natureza, é justa, amável, fraterna, e que ao nascer traz o gérmen das mais auspiciosas disposições, as mais louváveis tendências, os mais valorosos impulsos, sendo capaz de todas as virtudes.

A primeira escola declara que, dada a maldade original da criança, é indispensável conduzir seu desenvolvimento sob uma rigorosa vigilância, uma inflexível severidade, pois apenas o chicote consegue guiar a criança, de quem nada de bom pode se esperar fora de uma regra severa, de uma austeridade irredutível; e, para utilizar uma expressão atualmente na moda, afirma que é necessário fazer pesar sobre a criança uma ditadura sem fraquezas ou tréguas: a ditadura do medo, da repressão e da proibição.

A escola otimista declara ser preciso, ao contrário, deixar a criança entregue a si própria, abandoná-la completamente a seus instintos e que, cedendo à pressão de suas pulsões naturais, ela desabrochará como uma flor, espalhando ao seu redor, como a dita flor, os mais delicados e sutis perfumes. Nada de proibição, nada de severidade; antes, a entrega da criança a si mesma, que acabará crescendo por si só.

São estas, camaradas, as duas escolas e os dois métodos educativos que a nós se apresentam e entre os quais é preciso escolher.

A criança

Declaro que não pertenço a nenhuma das duas e que estou igualmente distante de ambas.

Dizer que a criança é má, é um erro; dizer que ela é boa é outro. Não existe criança naturalmente má, nem criança naturalmente boa. Há certamente sujeitos excepcionais, crianças que receberam da natureza os melhores instintos e os mais bem-vindos dons; outros, que vieram ao mundo com hereditariedades perniciosas, e aparentemente os primeiros são impulsionados para a virtude e os outros para o mal. Trata-se de exceções, e quando estou falando da criança, falo da criança em geral, tomada em seu conjunto, e afirmo existir equivalência entre os bons e os maus instintos, e que é preciso voltar para a primeira questão: o que é a criança? Pois é daí que partem os problemas que devemos examinar.

A criança não é nem um anjo descido dos céus, nem um demônio vindo do inferno. A criança — aquela de hoje — é apenas o resultado do acasalamento de um homem e uma mulher vivendo em nossa época, homem e mulher, eles próprios resultantes dos acasalamentos anteriores produzidos no tempo e no espaço. A criança é a sequência de uma interminável linhagem de homens e de mulheres que constituem a genealogia de todos seus ancestrais. A criança é a consequência de todas as gerações que se sucederam na história. É o resumo de todas as raças e de todas as civilizações anteriores. Quando a criança nasce, ela é como uma página em branco sobre a qual nada de definitivo ainda se encontra escrito, nem no sentido do bem, nem no sentido do mal. Ela não é nem boa nem má, ou mais exatamente, ela é ao mesmo tempo boa e má, pois carrega em si, desde seu nascimento, em estado de germen, todas as qualidades e, lamentavelmente, todos os defeitos de seus ascendentes.

Ela possui todas as suas virtudes e vícios, todas as suas forças e todas as suas fraquezas, todas as ignorâncias e todos os saberes, todas as ferocidades e todas as mansuetudes, todas as submissões, todos os fra-

cassos e todas as vitórias, todos os progressos e todas as regressões, todas as grandezas e todas as baixezas, todas as perfeições e todas as misérias. Ela é a síntese dos instintos, dos movimentos, das paixões que, há séculos, agitaram e atormentaram a humanidade. Portanto, ela resume em si uma espécie de conjunto onde se combinam o melhor e o pior; ela é capaz dos mais sensatos movimentos, mas também dos mais irracionais, dos gestos mais loucos. Ela é capaz das mais nobres ações, mas também das mais baixas e vis. Por vezes, ela pode se elevar até o cimo, assim como pode descer até o abismo.

Assim é a criança. De onde veio esse pequeno ser amorfo, inconsistente, frágil e franzino, que chora em seu berço, e que representa, num dado momento da história, o resultado de todas as hereditariedades, e o que ele vai se tornar? Em que se transformará mais tarde esse pequeno pacote de carne e ossos, sobre o qual se inclina com ternura a mãe atenta? Ele será aquilo que três coisas o tornarem: a hereditariedade, a educação e o meio.

A criança é como que a soma dessas três coisas. A ascendência, o atavismo, a hereditariedade, três termos que resumem todas as forças do passado das quais a criança é a herdeira; a educação, de que falaremos em breve, e finalmente, o meio, cuja influência e pressões dominantes a criança sofre, do nascimento até a tumba. Desses três fatores, é do segundo que quero, esta noite, ocupar-me mais particularmente, ou seja, da educação, pois ela é, ao meu ver, aquele que dentre os três exerce a maior importância, desempenhando um papel preponderante.

Ninguém poderia hoje desconhecer a gravidade da questão da educação: perguntem a qualquer um. Independentemente das ideias filosóficas, religiosas, políticas ou sociais, haverá acordo sobre o fato de que o problema da educação é de importância soberana, ocupando um lugar preponderante nas preocupações de todos. De fato, é da fonte das ideias, dos conhecimentos, dos métodos,

A criança

dos procedimentos em uso para a educação da criança que mais tarde dependerá a vida intelectual do adulto. As práticas às quais foi conduzido, os conselhos que recebeu, os exemplos que teve sob os olhos, as influências que sofreu, os ensinamentos que lhe tiverem sido dados, irão levá-lo, mais tarde, a um caminho ou a outro, e serão a base de toda a vida moral do indivíduo.

Não há dúvida que da criança de hoje depende o homem de amanhã, e que o problema de seu desenvolvimento é de primeiríssima ordem: a humanidade vale tanto quanto vale a criança. Essa afirmação, enunciada não sei por quem, e repetida por muitos, expressa uma verdade profunda, a seguinte: quem tiver a criança em mãos, terá toda a humanidade. Os dirigentes compreenderam isso muito bem; assim, disputam asperamente a educação da criança. Todos buscam torná-la a continuadora de sua obra, o representante das ideias de sua classe. Vejam a Igreja e a burguesia; duas escolas presentes em nosso país: a escola livre, ou mais exatamente, religiosa, e a do Estado. De um lado, a Igreja, que se esforça por dominar precocemente o coração e o espírito da criança, de modo a mantê-la enclausurada dentro das suas práticas, tornando-a um crente servil, dócil; de outro, o Estado, que também necessita de servidores submissos, de eleitores bem pensantes, de soldados disciplinados, de contribuintes que paguem seu imposto sem cara feia; o Estado que, representando a sociedade temporal como a Igreja representa a sociedade espiritual, joga todo seu peso na direção da escola, nos métodos empregados, nos princípios inculcados à criança, nos treinamentos aos quais é submetida, nas imagens que povoam seu cérebro, nos ruídos e cores que atingem seus ouvidos e olhos. A criança não pertence nem à Igreja, nem ao Estado, e à escola para e pelo Estado, à escola para e pela Igreja, eu oponho a escola para a criança.

Mas abandonemos essas considerações de ordem geral sobre a escola, e vejamos juntos o que a educação deve ser.

Pais e mães que me escutam, se eu lhes dissesse: “Vejam, o dia 1º de janeiro está próximo; eu queria lhes apresentar meus votos no que diz respeito ao seu filho: o que vocês querem que eu lhe deseje? Qual é seu sonho a respeito dele? O que vocês gostariam que seu filho fosse?” Conheço a resposta de antemão, pois é a resposta que eu daria se estivesse no lugar de vocês. Eu diria: “Desejo que meu filho seja belo, inteligente e bom.” Belo, concerne ao corpo; inteligente, ao espírito; bom, ao coração e à consciência. E se meu filho conseguisse ter essas três qualidades — a beleza, ou força física; a inteligência, ou força intelectual; a bondade, ou força moral —, tenho certeza que essa criança seria digna de minha ternura e que mais tarde eu me orgulharia dela.

É isso que vocês responderiam, e teriam razão. Dessa forma, vocês estariam ressaltando a necessidade de uma tripla cultura: física, intelectual e moral. Cultura física, que deve conduzir à beleza do corpo. É preciso compreender o que beleza quer dizer. Não entendo por essa palavra a beleza clássica, tradicional, acadêmica, de alguma maneira oficial, que reside sobretudo na fineza, na delicadeza ou na regularidade dos traços do rosto. Entendo por beleza algo bem diferente. Alguém pode ter traços irregulares e mesmo assim ser belo. Bela é a criança que possui uma fisionomia móvel e expressiva, olhos francos e abertos, um corpo robusto e bem constituído, a criança que, em cada um de seus movimentos, revela robustez, graça, agilidade. É essa a verdadeira beleza na criança.

Direi quase o mesmo sobre a inteligência. Não considero como necessariamente inteligente a criança que vai bem na escola por ser estudiosa, porque em casa é vigiada para fazer direitinho seus deveres, por aprender bem suas lições e porque em seu cérebro foi introduzido um certo número de informações. Talvez ela saiba ler nos dicionários, construir gramaticalmente uma frase, ter noções de geografia e de história. Mas isso não significa que sua compreensão seja muito aberta, seu es-

A criança

pírito judicioso, sua imaginação ardente e, conseqüentemente, que sua inteligência se encontre à altura dos meus desejos.

E quanto à bondade, basta-me saber que esta criança é leal e franca, disposta a jamais abusar da força contra alguém mais fraco que ela, e que se presenciar algum violento batendo num pequeno camarada, irá defender o mais fraco contra o mais forte, e sem se preocupar com os riscos que atrairá para si, irá tomar a defesa do mais fraco, e que em todas as circunstâncias, na medida de seus pequenos meios, ela se mostrará fraternal.

Como eu disse, cultura física, mais cultura intelectual e cultura moral.

Cultura física: estamos de acordo sobre as condições que devem estar reunidas para que a criança se desenvolva normalmente, para que atinja toda a soma de força, beleza e harmonia de que é capaz.

Ar puro e revigorante, alimentação saudável e abundante, rotina, cuidados higiênicos, e especialmente ligados à limpeza, e finalmente exercícios físicos ao ar livre. Sinto vergonha de enumerar condições tão difíceis de se reunir, não para os ricos, não para os privilegiados da fortuna, que podem ter uma casa na cidade e outra no campo; na cidade, um apartamento espaçoso e bem localizado, no campo uma bela casa ou um castelo, podendo enviar seus filhos para respirar nas alturas das montanhas ou à beira-mar, sendo bem acolhidos por toda parte devido à sua riqueza. Mas condições difíceis de serem reunidas para os filhos de vocês, morando no quinto ou sexto andar, em que dois, três ou quatro vivem num único cômodo, já que os alojamentos hoje são tão raros e caros! E é nesse único cômodo que quase tudo deve ser feito: cozinhar, lavar roupa, trabalhar, comer, dormir. Como imaginar que o ar respirado nesses alojamentos tão pequenos e mal dispostos possa ser puro e revigorante?

Alimentação saudável e abundante? Seria preciso oferecer a seus filhos alimentos leves, ovos, laticínios, frutas, legumes, pouca carne, nenhum vinho, álcool ou café, pois eles não têm necessidade de recorrer à excitação artificial dessas bebidas; isso iria mais tarde levá-los a considerá-las necessárias. Mas esses ovos a que me refiro, esses laticínios, essas frutas, esses legumes, são abominavelmente caros.

De modo que sinto vergonha quando falo de tais condições, que pareceriam no entanto tão fáceis de reunir e que constituem um problema quase insolúvel para o simples trabalhador e sua família. Sinto-me como esse médico que, chamado à cabeceira de uma mulher doente, carcomida pela tuberculose, exaurida pelo trabalho ou maternidades sucessivas, não tem dificuldade de enxergar o que deve ser feito, se não para salvá-la, ao menos para melhorar um pouco sua sorte e prolongar sua existência. Ele a aconselharia a fazer uma viagem para o Midi, sob o belo sol de Nice, a tomar vinhos fortificantes, comer carnes cruas ou mal passadas; mas ele sente que a miséria encontra-se lá, instalada nesse lar, e que essa mãe já tem tanta dificuldade para dar a seus filhos o alimento necessário! Como ela própria poderia seguir o tratamento que lhe seria necessário?

Estou na mesma situação que esse médico. Sei claramente o que seria preciso para que seus filhos recebessem o desenvolvimento físico indispensável, e isso parece fácil de ser realizado. E, no entanto, como é difícil! Ar puro e revigorante, alimentação saudável, variada e abundante, cuidados higiênicos, limpeza irrepreensível, rotina, acordar e dormir à mesma hora; espécie de ginástica na qual pouco a pouco são treinados o corpo e o estômago da criança, condições quase indispensáveis para uma boa saúde.

Rotina! Quando mesmo para vocês é tão difícil adotá-la, já que pelas condições de trabalho são obrigados a sair de casa cedo, só conseguindo retornar muito tarde...

A criança

Entretanto, eu lhes digo tudo isso, mesmo que vocês não possam aproveitar de meus conselhos. Eu lhes digo isso porque assim vocês irão detestar ainda mais essa sociedade que priva seus corações de pais ou mães da alegria de dar a seus filhos aquilo que eles necessitam para se tornarem robustos, vigorosos, saudáveis e belos.

Não vou insistir sobre esse ponto. Estamos de acordo quanto a isso, e estou convencido que no dia seguinte a uma revolução que derrubasse o regime social atual, que abolisse o contrato social que nos ata, tenho toda certeza que não haveria, no que diz respeito à educação de seus filhos, nenhuma discussão grave entre nós.

Então, falemos agora da cultura intelectual.

A criança, vive, come, dorme, bebe, agita-se, seu corpo de algum modo se desenvolveu. Ei-la na idade de receber os conhecimentos que devem mobiliar seu cérebro. Chegou a hora da escola.

Ah! Nunca digam a seus filhos a seguinte frase, que, no entanto, escutei com excessiva frequência sair de lábios paternos ou maternos quando a criança não se comportava bem: “Seu maroto, se você não for bonzinho, vou te mandar para a escola!” Nunca digam isso. Se ameaçarem a criança com a escola, é como se estivessem dizendo a ela que a escola é um castigo. Isso quer dizer: vou te punir te mandando para a escola onde, em vez de encontrar uma mãe meiga e afetuosa como eu, você vai encontrar um mestre severo que irá te corrigir. Quando vocês falam assim, a criança imagina imediatamente que a escola é uma espécie de prisão na qual será muito infeliz. Ela vai ter receio de ter que frequentá-la. Não digam isso a seus filhos. Ao contrário, digam-lhes: “Se você se comportar muito bem, vou te mandar logo logo para a escola. Até agora você era muito pequeno, mas já está grande o suficiente para ir à escola caso se comporte bem.” E a criança ficará feliz de antemão com a ideia de que logo poderá ir à escola. E quando finalmente isso acontecer, ele levará consigo

toda sua alegria. Vocês compreendem que, devido a esse fato, a criança terá as melhores condições para desfrutar dela?

Ei-la na escola. Com que objetivo ela se encontra aí? Evidentemente para se instruir, para aprender, para se familiarizar com as noções mais úteis, e principalmente para aprender a aprender.

Estou falando da escola primária, frequentada pelo filho do trabalhador. Ele a frequenta para aí absorver o gosto pelo estudo, para receber os conhecimentos indispensáveis sobre os quais, mais tarde, a criança poderá, graças a seu esforço pessoal e persistente, fundar toda sua vida.

Falaremos daqui a pouco dos programas. Graças aos conhecimentos que recebeu, ela em seguida deverá ser capaz, caso se torne possuidora de um bom método de trabalho, de procedimentos intelectuais judiciosos, e se tiver contraído um mínimo gosto pelo estudo, deve conseguir desenvolver seus primeiros conhecimentos, ampliar o campo de suas observações, formar cada vez melhor seus julgamentos, aumentar os tesouros armazenados por sua memória, forjar em sua imaginação — por aproximação e comparação — evocar novas ideias, imagens, unir umas às outras. É esse o papel da imaginação. Nela, há uma parte de criação, ao passo que as outras faculdades são exercidas apenas sobre dados precisos; a imaginação tem a particularidade de criar sobre materiais que lhe são fornecidos pela memória, a inteligência e o julgamento.

É esse o objetivo da escola e é o que nos propomos a ensinar à criança, quando ela vem para a escola. Dirigiram à escola pública um requisitório muito severo. Confesso compartilhar da maioria das críticas formuladas contra ela. O que não impede de prestar ao corpo docente, principalmente às professoras e professores da escola primária, a homenagem que merecem. Um grande número dentre eles cumpriram esforços meri-

A criança

tórios, chocaram-se contra uma organização defeituosa de ensino, contra a hostilidade das famílias, a rotina dos regulamentos, contra as exigências abusivas dos chefes, dos inspetores. Eles se encontraram, por assim dizer, entre a cruz e a caldeirinha. De um lado, seus chefes hierárquicos, o programa seco, brutal; de outro, as exigências crescentes das famílias.

Nessas condições, reconheço que o papel dos professores e professoras é extremamente ingrato, e é por isso que não estou aqui acusando os mestres, mas o ensino.

Em primeiro lugar, há alunos demais para um único mestre.

Sabe-se que quando um professor ou professora tem em sua classe 40, 50, e por vezes, 70 ou mais alunos, é materialmente impossível que consiga se ocupar de forma útil deles. Ele mal os conhece; sabe vagamente seus nomes, por vê-los sentar-se todos os dias no mesmo lugar, no mesmo banco, diante da mesma escrivaninha, mas o que sabe deles? Será que os interrogou um a um? Será que lhe é possível conhecer o espírito e o coração de seus alunos? Será que terá tempo de corrigir os deveres de cada um, garantir se eles aprenderam ou não, se eles sabem suas lições? Não, isso não lhe é possível.

E o que acontece com a classe em tais condições? Felizes dos mais inteligentes e estudiosos, que conseguirão aproveitar dos ensinamentos de seu mestre, que é obrigado a se conformar a um programa estrito, do qual é escravo e que deve percorrer com excessiva rapidez.

Sorte daqueles alunos com mais inteligência e memória. Mas e os outros? Aqueles que formam a imensa massa? Eles se arrastam, tropeçando, aos trancos e barrancos, e têm muita dificuldade de acompanhar. Suas pequenas pernas não lhes permitem correr. Então, essas crianças são evidentemente sacrificadas. E elas constituem a maioria. Para elas é muito difícil chegar ao famoso certificado...

Certificado cujas matérias, aliás, são muito pouco conhecidas por aqueles que o obtêm, matérias que, além do mais, estes últimos praticamente não irão utilizar a seguir e que tratam de esquecer o mais rapidamente possível, mal acabam de aprendê-las.

É preciso que o trabalho seja variado. A criança só possui uma pequena soma de atenção sustentável. Depois de três quartos de hora, no máximo uma hora, essa soma de atenção encontra-se de alguma forma esgotada. É indispensável deixá-la à vontade para fazer alguns movimentos, é necessário proporcionar-lhe alguns instantes de recreação, para que possa desenferujar as pernas. Após uma hora, ela não entende mais nada. Sente comichões nas panturrilhas. Preferiria estar lá fora, brincando, e isso é compreensível.

Se ela for maior, conseguirá manter-se no lugar e atenta um pouco mais de tempo, mas com uma condição: que o tipo de trabalho mude, e que façamos suceder a um certo estudo, um trabalho de gênero tão diferente quanto possível. Por exemplo, após uma aula de cálculo, deem-lhe uma redação; depois de uma lição exigindo memorização, que ela desenhe. Assim, apenas o fato de mudar de estudo, de trabalho, constitui uma distração; senão, é evidente que se você massacrá-la durante uma hora e meia, duas horas, com o mesmo trabalho, este vai se tornar penoso, e o escolar não conseguirá tirar qualquer proveito dele. A criança precisa de trabalho variado e de recreação frequente.

É preciso também que a sala de estudo seja clara, alegre, ampla, de modo que as crianças não se atrapalhem mutuamente, e que sintam prazer por se encontrar aí. Já vi escolas em que elas ficavam totalmente amontoadas, não conseguindo nem mesmo mexer os braços.

As crianças precisam de muito espaço: observem-nas enquanto comem. Quase todas comem espalhando os cotovelos sobre a mesa; os menores precisam de

A criança

mais espaço que um adulto. Na escola, é a mesma coisa: a criança precisa sentir-se à vontade. Se pudesse, ela se deitaria. E se em casa ela é capaz de colocar os pés num prato ao comer, seria também bem capaz de colocar os pés sobre a mesa na escola.

As posições mais exdrúxulas são as melhores para ela, enquanto a posição metódica, clássica, que consiste em se manter de tal ou tal maneira, com os cotovelos perto do corpo, é uma posição que não lhe convém.

Portanto, seria preciso que a sala de aula fosse clara, arejada, alegre e ampla; que houvesse coisas penduradas nas paredes, lembrando à criança pequena que a hora do recreio vai chegar. E não essas máximas que lembram, a cada instante, que ela tem uma lição a fazer, não preceitos sobre suas obrigações.

Parem de importuná-las com máximas.

O resto é uma questão de programa, e ao mesmo tempo, de memória.

Apenas algumas palavras sobre o programa. O programa da escola primária é, a meu ver, carregado demais. Ah! Conheço as ilusões tenazes e as exigências absurdas da maioria das famílias. Pais e mães têm a eterna fraqueza de ver em seu filho um ser prodigioso. Se ele não for realmente um horror, o pai e a mãe estarão convencidos que seu petiz é um projeto de gênio. Quando é um pouco robusto, os pais consideram-no um Apolo ou um Hércules. Pais e mães possuem um prisma especial, o prisma de seu carinho através do qual percebem o filho. Esperam dele que seja um prodígio. É preciso que ele seja forte em gramática, em cálculo, em história, em geografia; que ele leia de modo inteligente os mais sutis autores.

Essa é uma exigência louca. A criança de dez ou doze anos mal nasceu para a vida cerebral, sua inteligência está ainda começando a se formar. Peçam, por exemplo, para uma criança de dez anos erguer um peso

de vinte quilos e carregá-lo com braços estendidos; ela não vai conseguir. Pois bem, é exigir um esforço igualmente ridículo e um resultado igualmente absurdo esperar que ela seja, aos doze anos, forte em gramática, em matemática, em história, em geografia, em desenho, em tudo. Então, o que acontece é que a maioria dessas crianças prodígio, tais como limões cujo sumo foi espremido prematuramente, tornam-se frutos secos em noventa por cento dos casos. Foram sobrecarregadas num dado momento, e da vanguarda em que se encontravam passam para a retaguarda. Eram as primeiras, tornam-se as últimas. Conheço muitas crianças que, precoces e exigidas em excesso, foram a esperança de sua família e que, ao entrar para a vida, tornaram-se puros cretinos.

Muitas vezes, o cérebro da criança é comparado a uma morada. Está correto. Muitas vezes se diz: é preciso mobiliar o cérebro da criança. Isso não quer dizer que o cérebro da criança seja um apartamento muito amplo, composto de numerosos cômodos e que pudesse ser abundantemente mobiliado. Ao contrário, é uma habitação pequena, muito pequena; não devemos entulhá-la de mesas, armários, bufês, cadeiras, camas; isso atrapalharia a criança. É preciso apenas alguns poucos móveis, de utilidade incontestável, e é preciso que cada móvel esteja em seu lugar, de modo a ocupar o menor espaço possível, para que a criança possa circular e esteja à vontade nessa casa.

Considero que o programa da escola primária tem um excesso de conteúdos. Esse programa deveria ser limitado aos conhecimentos fundamentais, ou seja, àqueles conhecimentos sem os quais não é possível adquirir outros; aos conhecimentos essenciais, aos conhecimentos de base: a escrita, a leitura, o cálculo, as primeiras noções de desenho; em ciências, bastam algumas noções elementares. Senão, a criança irá possuir um verniz de todas as coisas, mas na verdade não vai saber nada.

A criança

Seria melhor que ela conhecesse menos coisas, mas que conhecesse melhor cada uma delas. E o latim, que dizia: *Non multa sed multum*, não muito em extensão, mas muito em profundidade, tinha infinitamente razão.

Permitam-me uma comparação:

Temos dois homens. O primeiro tem uma biblioteca que abarca mil volumes. Não é muito, mas é alguma coisa (há muitos dentre nós que não possuem uma biblioteca tão volumosa); ele tem mil volumes, mas nunca os leu, ou tão pouco, que poderíamos dizer que ele não os conhece. Conhece vagamente o nome de alguns autores. Quando recebe visitas, ele as leva à sua biblioteca, certo de que vai lhes causar uma boa impressão de sua alta cultura, dizendo-lhes: “Eis meus livros!”

Durante a conversa, ele chegará mesmo a lançar, ora bem, ora mal, algumas vezes bem, mas com mais frequência mal, o nome de algum autor célebre, ou de uma obra conhecida. Mas se precisar de uma informação, de um dado preciso, de uma estatística, de uma cifra, ele terá uma infinita dificuldade de encontrar em sua biblioteca o volume que deverá consultar para obtê-los; e mesmo quando tiver encontrado o volume, ele o terá lido em outra época de forma tão distraída, folheado tão rapidamente, que vai ser muito penoso para ele encontrar a passagem de que necessita.

Ele tem muitos livros, mas conhece muito pouco deles.

E agora, eis o outro homem. Este aqui possui apenas uma biblioteca bem pequena, de quarenta ou cinquenta livros — e pode ser até menos — muito poucos livros. Pouco importa o número. Mas ele já leu cada um deles durante o tempo necessário para conhecê-lo bem. Conhece não somente o título, mas o conteúdo. Leu-o página a página. Releu-o duas vezes, três vezes, dez vezes, e exerceu sua reflexão em cada página.

Se este homem precisar de alguma informação, de um documento, de uma citação, de uma cifra, não hesitará. Sua biblioteca é bem organizada, seus livros estão bem classificados; aqui, os romances; ali, o teatro; mais longe, a ciência; lá, outra coisa. Consequentemente, ele sabe em que lugar procurar o documento de que necessita, onde está o livro a ser consultado e, nesse livro, a página que deverá reler.

Poucos livros, mas ele os conhece. Isso vale mais do que muitos livros desconhecidos.

Da mesma forma, prefiro uma criança que conhece poucas coisas, mas que as compreendeu e se apropriou bem delas, do que uma criança que possui um verniz de tudo, mas que na realidade não conhece nada.

O programa é carregado demais. Ele deve se limitar aos conhecimentos elementares, essenciais, fundamentais, permitindo mais tarde que a criança, caso seja estudiosa e possua um bom método de trabalho, desenvolva seus conhecimentos e torne-se uma espécie de autodidata, ou seja, o homem que aprende tudo por si só.

Melhor conhecer a fundo poucas coisas do que muitas insuficientemente.

Há outra censura que lanço ao ensino, e aqui ela se dirige mais ao método do que ao programa.

Acho que é reservado um lugar privilegiado para a memória, um lugar importante demais no desenvolvimento da força cerebral da criança. Vou evitar falar mal da memória; ao contrário, aprecio a importância considerável dessa faculdade, e dou valor, como convém, aos serviços que ela é capaz de prestar. Se fôssemos esquecendo conforme aprendêssemos, seríamos como Sísifo empurrando em vão sua pedra, e nosso cérebro seria como o barril das Danaides, que, por estar furado, deixava cair por baixo aquilo que vertiam por cima.

A criança

A memória é uma faculdade preciosa. Longe de mim contestar esse fato. Mas ela tem seu papel, sua função, que é reter, armazenar, classificar, categorizar os conhecimentos que são pouco a pouco introduzidos no cérebro da criança. Ela os classifica ordenadamente, de modo que a criança possa, se for o caso, encontrá-los. É a pequena biblioteca sobre a qual falei agora há pouco. É necessário que haja ordem, que ela não esteja entulhada, e para isso, que a memória apenas sirva à inteligência. Ela não deve precedê-la.

O papel da inteligência é compreender; depois, quando compreendemos, intervém a memória, cuja função é reter. Portanto, a memória deve se limitar à função que lhe convém, sem invadir as faculdades vizinhas.

A energia cerebral comporta quatro elementos ou quatro fatores: 1) a inteligência propriamente dita, a capacidade de compreender; 2) a memória; 3) a imaginação; 4) o julgamento.

Cada uma dessas faculdades tem suas atribuições particulares que permitem realizar o desenvolvimento do cérebro nas melhores condições.

Em primeiro lugar, compreender: inteligência. Em seguida, reter e classificar: memória. Associar os conhecimentos adquiridos, as ideias armazenadas, os ruídos, as cores que povoam o cérebro, evocar através da imagem novas criações e aproximações inesperadas: imaginação. Depois, comparar, aproximar ou separar ideias, sensações, lembranças, estabelecer semelhanças ou diferenças: julgamento.

Tudo isso comporta um mecanismo bastante complicado. Mas ainda é preciso se reconhecer nisso e, nesse sentido, deixar a cada faculdade o lugar que lhe convém.

Farei uma outra e última censura à escola. Sou um adversário ferrenho do que é chamado classificação; do sistema que consiste em fazer com que as crianças

entrem em competição, para reconhecer uma como primeira da classe, outra como segunda, uma outra ainda como última. Sou adversário desse sistema de classificação por estar convencido que seus resultados são nefastos. Muitas pessoas imaginam, a meu ver de forma totalmente errônea, que essa classificação é um estímulo, e que tal competição produz bons resultados. Acredito que aqueles que pensam assim estão enganados.

Os primeiros não são sempre os melhores, os mais estudiosos. São aqueles que receberam da natureza as mais preciosas capacidades e os mais brilhantes dons. Mas nem sempre são eles os que mais trabalham. Frequentemente, são os que trabalham menos, pois possuem mais capacidades que seus coleguinhas. Eles acabam por se tornar insuportáveis devido ao orgulho, presunção e autossuficiência. Sem dúvida, vocês já conheceram dessas crianças que sempre são as primeiras e que ganham constantemente medalhas. Eles olham com desdém, com desprezo, o pobre coleguinha que se arrasta penosamente no último lugar, e acham natural que exista na escola primeiros e últimos, os que foram feitos para estar sempre na frente, para receber todas as recompensas, todos os cumprimentos, todos os sucessos, todos os sorrisos, e aqueles, ao contrário, que são destinados a só conhecer os últimos lugares, as broncas, as humilhações. E assim, eles acabam se acostumando a uma concepção social perigosa.

Mais tarde, quando essas crianças entrarem na circulação social, trarão consigo esse hábito e o resultado desse sistema de classificação. Os primeiros ainda distribuirão cotoveladas para conseguir os primeiros lugares. Irão querer, a qualquer preço, desencavar as melhores posições. Passarão por cima de todos os escrúpulos que poderiam retê-los. Para eles o principal é conseguirem ser os primeiros. Na escola, havia os primeiros e os últimos, os que recebiam os elogios e as recompensas e aqueles que recebiam as censuras e as

A criança

punições. Na sociedade, eles pensam que também deva ser a mesma coisa, e efetivamente há os primeiros e os últimos e, para serem os primeiros, farão de tudo, tornando-se arrivistas ferozes.

Quanto aos últimos, eles olham os primeiros com inveja e, pressionados por suas famílias, que dizem: “Então, você nunca vai ser o primeiro?”, eles também desejariam chegar em primeiro lugar e ganhar a medalha, mas não possuem as mesmas facilidades. Sua memória é ingrata, a imaginação preguiçosa, seu espírito lento. Por mais que trabalhem, façam esforços, sejam estudiosos — eles mereceriam cem vezes a medalha e o primeiro lugar — estão de qualquer forma condenados a serem os últimos.

Então, pouco a pouco, eles se desencorajam, começam a odiar o estudo que não lhes proporciona qualquer satisfação, reservando-lhes, pelo contrário, apenas dis-sabores, humilhações, contrariedades. Eles chegam até a odiar o próprio fato de se esforçar, diante da esterilidade dos esforços que realizam.

É isso que produz tal classificação: em uns, o orgulho, a presunção, a dureza de coração, o arrivismo; nos outros, a inveja, o desencorajamento, o ódio pelo estudo, a aversão ao esforço.

Sem contar que existe, para os professores e professoras, um caso de consciência difícil de ser resolvido. Quando um mestre é obrigado a classificar seus alunos, é um gesto de justiça que ele deve realizar, é um ato de equidade que ele deve cumprir. Como ele irá estabelecer sua escolha? No que irá basear sua apreciação?

Tomo duas crianças: uma delas é inteligente, tem prontidão de espírito, a compreensão viva, a memória fiel, a imaginação ardente, o julgamento relativamente saudável e judicioso — tanto quanto tudo isso é possível quando somos crianças — estuda pouco e consegue aprender bem.

O outro, pelo contrário, tem o espírito lento e preguiçoso, a imaginação curta e rara, a memória infiel e ingrata, a compreensão difícil, o julgamento incerto. Estuda muito, mas não tem sucesso.

Mestre, o que você faria? Você deve comparar os deveres dessas duas crianças e pronunciar sobre eles uma sentença. Você teria o direito de julgá-las, de alguma maneira: de recompensar uma delas, dando-lhe o primeiro lugar, e de punir a outra, relegando-a ao último. O que você faria? Você irá recompensar a natureza dando o primeiro lugar para aquela que, mais bem dotada que a outra, faz uma lição melhor sem esforço ou, ao contrário, você irá recompensar o esforço, dando o melhor lugar para aquela que, carente de aptidão, trabalhou mais e cuja lição, embora inferior, é ainda mais meritória pelo fato de seu esforço ter sido maior? Responda.

Confesso que, se eu fosse professor, não saberia, em tal circunstância, como resolver a questão! Esse é um problema de consciência, extremamente grave, delicado para o professor ou a professora.

Além do mais, será que não basta que, mais tarde, entrando na vida, na grande circulação social, nossas crianças, tornadas adultos, homens, sejam obrigados a participar da luta social, a se interessar pelas paixões que nos agitam, a participar das querelas que nos agitam? Será mesmo necessário que, tão cedo, por esse sistema de classificação, elas sejam contrapostas umas às outras, treinadas em rivalidade, quando mais tarde inevitavelmente conhecerão os horrores da vida e correrão o risco de que essa rivalidade permaneça em seu coração e espírito? A criança não deve ser comparada a outras; ela deve ser comparada consigo própria; o essencial é que ela esteja progredindo, não em relação a seus colegas, mas a si mesma.

A criança

Cheguei ao ponto mais delicado deste estudo: a *cultura moral*. A cultura moral exigiria uma ou mesmo várias conferências, mas tenho que respeitar os limites.

No que diz respeito às condições e procedimentos próprios para garantir o desenvolvimento físico, estamos, pelo menos em princípio, quase todos de acordo. No que concerne à cultura intelectual, tampouco existe desacordo entre nós, ainda que a concordância não seja, nesse ponto, tão completa quanto sobre o primeiro; mas é apenas sobre questões de detalhes que temos algumas divergências. Pelo contrário, no que se refere à cultura moral, a luta é áspera e apaixonada, entre as duas escolas sobre as quais falei no início; uma desejando a severidade, a outra a brandura; esta, procedendo pela liberdade, a outra, pela coerção; uma adestrando, a outra educando.

Vamos dar uma olhada geral nesses métodos opostos.

Severidade ou brandura? Não será surpresa se eu lhes disser que prefiro o método da suavidade.

Não falem de suavidade, indulgência, benevolência aos partidários da força! Eles lhes diriam: “Ah! Vocês querem usar a persuasão com a criança! Querem raciocinar com ela e convencê-la! Quando ela cometer um erro, querem que ela compreenda e esperam assim levá-la a se arrepender? Estão completamente iludidos!”

Assim falam os partidários da severidade, acreditando que a criança deve crescer em uma atmosfera de autoridade implacável, e que deva ser tratada com disciplina ferrenha, numa impiedosa ditadura.

Todos os raciocínios que vocês desenvolverem irão no máximo provocar neles o erguer de ombros que vocês tão bem conhecem. Eles irão lhes lançar um olhar estranho, vão medi-los da cabeça aos pés, perguntando-se se vocês não estariam por acaso um pouco doentes, um pouco malucos, considerando-os espíritos quiméricos. Não irão conceder a seus argumentos

qualquer atenção séria pois, a seu ver, eles nem merecem ser examinados.

Pois bem, eu acredito que a severidade conduz aos mais desastrosos resultados.

Através da violência, com surras, vocês não conseguirão nada da criança.

Evidentemente, caso se trate de conseguir dela que permaneça quieta e tranquila em um cantinho, como se fosse uma imagem; que ela evite pronunciar qualquer palavra sem antes ter sido autorizada; que ela se abstenha de dizer tudo o que lhe foi proibido expressar, sob pena de castigos ou privação de sobremesa, reconheço que tudo isso pode ser obtido em troca de uns safanões bem aplicados ou de ameaças sérias que se tornarão efetivas na primeira falha.

Mas vocês não percebem que se a criança permanece silenciosa e tranquila quando esse pequeno ser aspira aos movimentos e gostaria de tagarelar, que é contrário à sua natureza condená-la à tranquilidade e ao silêncio? Isso é algo muito perigoso. Evitem dizer a seu filho: “Cale-se, você não tem direito a falar quando estiver perto de adultos.” Não se deve falar assim com as crianças. Em primeiro lugar porque, se ela tiver algo a dizer, ela tem o direito de falar e, em segundo, porque vocês correm o risco, condenando-a dessa forma ao silêncio, de quebrar nela o poderoso impulso à curiosidade que leva a criança a interrogar, discutir, raciocinar, perceber, saber.

A criança a quem vocês dizem: “Cale-se, escute os adultos”, não diz nada; vocês acham que ela vai escutar os adultos? Não! Ao passo que os escutaria com prazer se tivesse o direito de entrar na conversa e dar sua palavra.

Talvez isso permitisse muitas vezes que, sob a forma ingênua que lhe é própria, ela colocasse questões simples sobre as quais vocês mesmos não teriam pensado.

A criança

Mas condená-la ao silêncio e ir contra sua natureza, será que isso é educar?

Vocês acreditam que irão enobrecer o coração de seu filho, conduzi-lo às práticas salutares da virtude, despertar em seu coração e consciência os pensamentos mais nobres e generosos, obrigando-o a uma imobilidade artificial e ao silêncio imposto?

Não. E conseqüentemente, isso não tem nada em comum com o ser moral que a educação tem a tarefa de desenvolver.

Trata-se de algo totalmente diferente do que obter o resultado que vocês obteriam pela severidade, em geral, a hipocrisia. Ah! Vocês vão conseguir da criança sobre a qual acabei de falar que ela não faça nada de proibido enquanto vocês estiverem presentes. Ela vai permanecer tranquila enquanto vocês estiverem a seu lado. Mas quando não estiverem mais ali, essa criança que vocês terão impedido de falar vai tirar a desforra, falando até sufocar; aquilo que lhe tiver sido proibido, ela vai se apressar a fazer, assim que vocês tiverem lhe dado as costas. Mas para não ser punida, ela terá o cuidado de enganá-los. Recorrerá à mentira e à hipocrisia. Dissimulará seu erro. Vai dar um jeito de vocês não saberem de nada para não puni-la, e o único resultado que vocês obterão através dessa severidade será simplesmente suscitar nessa criança a hipocrisia e a mentira. É essa maneira da força que a terá tornado a mais leviana, a mais turbulenta, a mais agitada, a mais nervosa, e a seguir será dessa maneira forte que ela irá cometer baixezas, desatinos, e até loucuras.

Talvez por enquanto isso não seja grave; mais tarde, esse jovem animal vai se acalmar; vai chegar à idade da sabedoria. Não será preciso colocar um freio em seus exageros, sua turbulência, seu desatino. A experiência e a idade irão se encarregar dessa tarefa. Se isso não é certo, pelo menos é possível, e mesmo provável.

Mas o grave é que a criança terá contraído o hábito da mentira e da dissimulação; o hábito dessa fraude à qual terá frequentemente recorrido em vez de se mostrar, assim como é, para aqueles com quem vive. Terá constantemente desempenhado um papel, fingido ser a criança calma, quando ao contrário era agitada e turbulenta, terá fingido ser a criança silenciosa e bem comportada, quando ao contrário desejava tagarelar, o que aliás fazia muito bem desde que vocês não estivessem mais ali.

Reconheço que a severidade é um processo cômodo para o educador. É tão fácil dizer à criança: “Se você se comportar bem, vou te recompensar; se não se comportar bem, vai ter que se haver comigo.” Não lhe é dada qualquer explicação; se ela pede por alguma, tem uma resposta dura: “Nada de discutir comigo, eu te proíbo de fazer isso, e basta.” É fácil, cômodo, rápido. Para isso, nem mesmo é preciso amar muito seu filho, nem possuir grandes conhecimentos. É só dizer a seu próprio filho o que se escutou do próprio pai ou mãe: “Você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo.” Isso não tem nada em comum com a educação e não dá à criança qualquer elevação de pensamento, de caráter ou de coração.

Coerção ou liberdade? Não preciso lhes dizer que sou contra a coerção.

A coerção tem inconvenientes graves porque ela só funciona com seu cortejo de punições e recompensas. Ela tem o inconveniente de regulamentar todos os atos da criança, de catalogá-los como permitidos ou proibidos, de categorizá-los como atos recompensados e atos punidos.

Exemplo: a mamãe sai; ela deixa duas ou três crianças em casa. Ela lhes diz: “Meus filhinhos, estou saindo, comportem-se bem, fiquem quietinhos; está aqui um livro de figuras e um livro de histórias; leiam, assim vocês vão se divertir. Não saiam, não vão para a rua; se baterem à porta, não respondam, não abram; não

A criança

brinquem com fósforos, não comam geleia. Se vocês se comportarem bem, se vocês se conformarem àquilo que estou lhes dizendo, quando eu voltar, vou lhes dar um tablete de chocolate, e vou levá-los à noite ao cinema ou ao circo. Mas se vocês não se comportarem, não vão ganhar nenhum chocolate, não vai ter nenhum cinema, e sim um bom castigo, uma boa surra.”

Vocês conhecem mães que dizem isso. Eu também.

Qual é o resultado dessa coerção exercida sobre a criança? A seguinte. De duas, uma: ou as crianças vigiam pela janela para saber a hora que a mãe foi embora, e assim que ela se afastar farão o diabo a quatro, irão para a rua brincar com os coleguinhas, vão se lambuzar de geleia, acabar com os fósforos, em resumo, não vão dar qualquer atenção às recomendações da mãe. Mas como querem evitar a surra e fazem questão do chocolate, do cinema, do circo, cuidarão de voltar a tempo para arrumar tudo e quando a mamãe chegar, estarão calmamente sentadas nas suas cadeiras, e lerão o livro de contos e olharão o livro de imagens.

A mamãe lhes dirá: “Vocês se comportaram bem, meus filhos?” E eles responderão: “Sim, mamãe...” “Muito bem, vocês estão de parabéns”, dirá a mamãe: “tomem o chocolate, e esta noite iremos ao cinema ou ao circo.”

Ou então, ao contrário — o que é bem possível — as crianças levarão a sério as recomendações da mamãe. Elas dirão: “Que chato! Bem que gostaríamos de ir para a rua encontrar nossos amigos; você está escutando fulano nos chamando? ...mas não podemos ir. Ah! Alguém está batendo à porta... vamos ficar quietos, não vamos abrir; Ah! Essas geleias! Parecem bem apetitosas... mas mamãe deve ter visto que só tinha um pouco; e os fósforos? ...só há quatro, mamãe deve ter contado quantos tinha antes de partir, não vamos tocar neles.”

A criança irá estabelecer, na sua cabeça, o seguinte cálculo: “Eu bem que comeria um pouco de geleia, mas se fizer isso não vou ganhar chocolate, e prefiro um pe-

daço grande de chocolate a um pouquinho de geleia.” Ela irá obedecer, unicamente por interesse, ou ainda por medo da surra. Será que se pode dizer que como a mãe conseguiu o que queria, é só isso que importa? Não. Em qualquer ato, é preciso ver os motivos. O valor moral de um ato não é determinado pelo próprio gesto, mas pelos motivos que o inspiraram.

Imagine que essas crianças, em vez de estarem habituadas à severidade, à repressão, tivessem uma mãe afetuosa, um pai suave que as tivesse acostumado a racionar sobre a situação e sobre as razões pelas quais seria bom e sensato realizar algo. Suponham que essas crianças respeitem as recomendações da mãe não para evitar a surra ou para não perder o direito ao chocolate, mas unicamente porque, pouco a pouco, a razão tivesse se familiarizado com os atos a serem realizados e as coisas a serem evitadas, pois sua inteligência teria pouco a pouco compreendido porque é bom fazer isso e mau fazer aquilo, e por dizerem a si próprias: “Não vamos brincar com os fósforos, mesmo que seja agradável ver o brilho da chama, porque isso nos foi proibido e porque poderíamos causar um incêndio, do qual seríamos as primeiras vítimas; ainda não temos idade suficiente para brincar com fósforos.” Ou então a criança dirá: “Bem que eu comeria um pouco dessa geleia, mas só tem um pouco, é melhor comê-la em família, é preciso que ela figure esta noite na mesa comum, quando papai e mamãe estiverem aqui, iremos comê-la todos juntos, vai ser melhor.”

Ou ainda a criança dirá; “Não vamos para rua, a mamãe não quer, e se ela ficasse sabendo, ficaria triste e nós gostamos muito dela, ela fica tão carinhosa e feliz quando fazemos o que ela gosta! Ela vai ficar bem contente quando dissermos que a escutamos!”

Vocês veem que há uma grande diferença entre o mesmo gesto realizado pelas primeiras apenas para evitar a surra, e pelas segundas, para serem sensatas e não deixar triste a mamãe que elas amam e que as

A criança

ama? No primeiro caso, o gesto não tem nada de moral e é quase imoral. No segundo caso, é um gesto que adquire, a partir dos motivos que o determinaram, um caráter de alta moralidade.

É chocante escutar falar de educação pelos partidários da severidade, do método da coerção e da repressão. Surpreendi muitos deles dizendo: “Vocês acham que estão educando? Não, vocês estão adestrando!”

Isso me traz à memória uma lembrança muito vívida e forte. Há um certo número de anos, um camarada, um amigo, estava discutindo comigo sobre a educação, de maneira muito livre e amigável, como acontece muitas vezes entre amigos. Ele tinha ideias realmente muito rígidas a respeito. Elas eram diametralmente opostas às minhas. Na opinião dele, dar uma boa educação consistia em não discutir com as crianças, que têm muita dificuldade de compreensão, mas tratá-las realmente como pequenos animais. “Mas isso, eu lhe disse, não é educação, é adestramento!” — “Chame como você quiser, mas não há outro jeito” — “Repito que é adestramento!”

E fomos ao Circo-Novo, na rua Saint-Honoré. Não me lembro mais qual artista — pois era um verdadeiro artista — estava apresentando focas que realizavam um trabalho realmente maravilhoso, exercícios espantosos. Vocês conhecem esse animal pesado, de pequenas patas, corpo viscoso, excessivamente longo e desgracioso. O artista em questão chegava a conseguir deles atitudes que transformavam esses animais feiosos em seres graciosos, bonitos, que ficavam de pé, sucedendo-se, oito ou nove, numa série de exercícios bem arranjados, tão metodicamente regulados que tudo acabava formando um número realmente notável.

Eu disse a meu amigo: “Veja como essas focas são bem educadas” — “Não! adestradas”, ele responde num sobressalto — “Ah, então você percebe que tenho razão em querer fazer uma diferença entre educação e adestramento.” Ele ficou sem palavras.

Entre o adestramento e a educação, existe a enorme diferença de que o adestramento consiste em se dirigir à parte animal do indivíduo, enquanto a educação consiste em se dirigir à sua parte moral, a seu pensamento, sua inteligência, sua consciência, seu coração, seu espírito, às suas faculdades mais nobres e elevadas.

Em matéria de educação, camaradas, o melhor método é o exemplo. Os preceitos morais quase não têm eficácia. O exemplo, ao contrário, é determinante. Dizem, sobre o mal, que ele é contagiante: isso é verdade. Mas o bem também o é. De fato, a criança é o reflexo do meio no qual vive. Ela reflete esse meio de modo tão fiel que quando vemos uma criança podemos adivinhar o meio ao qual ela pertence e, inversamente, quando conhecemos o meio, é fácil pressentir como deve ser a criança que nele vive.

Por exemplo, tomem uma criança que curva a cabeça assim que alguém chega perto dela, e que protege imediatamente o rosto com o braço. Apenas por essa atitude podem estar certos que tal criança é criada segundo o método da repressão brutal.

Se a criança baixa os olhos, podem ter certeza que ela pertence a um ambiente dissimulado, hipócrita.

Se fala de modo grosseiro, se emprega expressões de baixo calão, é que seus pais não frequentam os salões acadêmicos; evidentemente, é porque em casa, a toda hora, ela sempre escuta serem proferidos os mais baixos termos, que talvez não fossem usados se os adultos pensassem em se controlar na sua frente.

A criança é sempre a imagem do meio ao qual pertence, e é sua imagem fiel.

Como querem conseguir que as crianças não os enganem, se vocês próprios a enganam? Se, quando prometem algo, não cumprem sua promessa? Se quando assumem um compromisso com ela, não o respeitam?

A criança

Se quiserem que seu filho nunca minta, comecem nunca mentindo para ele.

Se quiserem que ele mantenha suas promessas, comecem mantendo as suas.

Para ensiná-lo a respeitar um compromisso assumido, respeitem em primeiro lugar os que assumiram com ele.

Outro fato. Caso esteja sendo longo, desculpem-me; é um assunto que me apaixona tanto que me permito desenvolvê-lo para que meu pensamento seja melhor compreendido.

Há cerca de dezoito meses, um amigo veio um dia me encontrar. Ele tivera a infelicidade, seis meses ou um ano antes, de perder sua companheira, e ficara viúvo com um menino de uns dez anos. Ele me disse: “Meu caro, estou desolado. Não consigo que meu filho me obedeça em nada. Se lhe peço o menor favor, ele me manda passear; caso faça algo que lhe peço, ele o faz xingando; nunca vejo um gesto amável de sua parte; nunca um sorriso. Estou muito infeliz. Tenho vontade de me separar dele. No entanto, gosto dele; e agora que somos apenas nós dois, sinto quanto a presença de sua mãe, que não está mais aqui, seria necessária. Mais necessária ainda seria para mim a presença dessa criança, caso ela fosse razoável. Nós dois poderíamos ser tão felizes juntos! Não sei o que fazer. Vim te pedir um conselho.”

Eu lhe disse:

“Vejam! Você tem queixas sobre seu filho. Conte-me um fato preciso sobre o qual eu possa basear o conselho que você me pede. O que você está me dizendo é vago demais.”

“Pois bem. Imagine que ontem de manhã eu estava atrasado. Ele, pelo contrário, estava adiantado. Eu vou trabalhar às oito horas, Ele vai á escola às oito e meia. Geralmente, saímos juntos. Ora, ontem de manhã, acordei tarde, e como ele estava adiantado, eu lhe

disse: 'Engraxe meus sapatos...' Pois bem! O espertinho arranjou um jeito de ir embora sem engraxá-los."

Então, eu disse a meu amigo:

"Acontece, às vezes, dele estar atrasado? E por vezes é você que está adiantado em relação a ele: alguma vez você engraxou os sapatos de seu moleque?"

"Era só o que faltava!" — exclamou meu amigo.

Eu continuei:

"Pois bem! É aí que está todo o mal. Se teu filho, quando você está adiantado e ele atrasado, pudesse contar com você para engraxar seus sapatos em seu lugar, para ajudá-lo a recuperar o tempo perdido, se ele soubesse que você engraxaria seus sapatos no seu lugar, no dia seguinte, quando você estivesse atrasado, poderia contar com ele para que ele engraxasse os seus; a criança, por si só, começaria a engraxá-las, com carinho, com prazer, sem que você precisasse pedir."

"Outra coisa", ele me disse. "No domingo, fazemos um pouco de limpeza na casa. Domingo passado, eu tinha que sair; precisava ir a meu sindicato, para uma reunião. Eu disse ao pequeno: 'Você vai limpar a casa, eu volto ao meio-dia.' Quando voltei, o menino não tinha feito nada, ou tão pouco e mal que tive que refazer tudo."

Disse ao meu amigo:

"Acontece muitas vezes de você sair no domingo e deixar a seu filho a tarefa de fazer a limpeza?"

"É muito natural! Isso não é trabalho para um homem!"

"Se não é para um homem, tampouco o é para uma criança; não é menos para você do que para ele, não é mais para ele do que para você, é para vocês dois fazerem a limpeza, varrer, lavar a louça. Não são vocês dois que sujam a louça? Não são ambos que trazem de fora sujeira para dentro de casa? Por que sempre ele deve-

A criança

ria fazer esses trabalhos, ter esses encargos, enquanto você iria ao sindicato, passear ou tomar um aperitivo?”

Meu amigo me compreendeu. E seis meses depois, contou-me:

“Estou maravilhado. Não tinha muita confiança, mas empreguei seu sistema e hoje, meu filho e eu, engraxamos os sapatos juntos, fazemos a limpeza juntos, lavamos a louça juntos, saímos juntos... somos dois amigos!”

Gostaria ainda de lhes falar sobre a educação profissional. Mas nesta noite não tenho mais tempo: falarei disso uma outra vez. Precisamos terminar.

Quando lançamos um olhar à massa, deixamo-nos arrastar ao pessimismo, às ideias sombrias, ao desânimo.

De fato, por toda parte existe tanta covardia, tanto ódio, tanta hipocrisia, tanta baixeza, que por vezes chegamos a perguntar se será possível levar à grande massa as nossas concepções. Ela continua sempre tão ignorante, tão fraca, tão servil, apesar de toda propaganda feita junto a ela, apesar de todos nossos esforços, difundidos tão profusamente: nossos jornais, panfletos, folhetos, livros, reuniões.

“Vocês se esforçaram tanto, e o que conseguiram? Onde está o resultado? Será que não dispenderam suficientemente sua energia, seu saber, sua força, sua saúde, em favor dos outros? Vocês não percebem — dizem os pessimistas —, que não há nada a fazer com relação às massas, e que após ter trabalhado tanto em vão, é melhor ir descansar?”

Quantas vezes, camaradas, escutei essas palavras, quantas vezes, provavelmente, vocês também as escutaram! E nos olhos de todos que me davam esse tipo de conselho, eu lia mais piedade que afeição ou interesse verdadeiro.

Mas se eles sentiam pena de mim, eu sentia o mesmo em relação a eles: pois será que eles não entendem que se despende, se dar, se entregar, trabalhar, lutar, agir, é não somente uma necessidade para aquele que pensa, que tem alguma coisa no coração e no espírito, mas que é ainda a única coisa que torna a vida suportável? Que apenas isso pode embelezar nossa existência, e nos ligar a ela?

A lentidão dos progressos sociais não deve provocar o desânimo ou diminuir o ritmo de nossos esforços. No corpo social, o trabalho acontece como na natureza.

Se não percebemos nada, pelo menos a elaboração das novas forças acontece nos cérebros.

Paciência! Virá um dia, quando o trabalho de gestação tiver sido suficiente, em que poderemos ver o resultado na reviravolta social que esperamos, e em que suas consequências acumuladas permitirão o advento de um mundo novo.

Quanto tempo nos separa desse mundo? Não sabemos.

Depende de nós, de nossos esforços, a aproximação dessa época.

E como?

Através da criança!

Durante minha existência, já longa, pude constatar que não há grande coisa a ser esperada dos velhos.

Quando chegamos à idade de cinquenta ou sessenta anos, tudo no homem, por assim dizer, cristalizou-se; tudo tomou nele uma forma de alguma maneira definitiva, seu cérebro congelou como o resto. Ele se encontra na idade em que as faculdades enfraquecem, em que sua vontade se desfaz, em que a energia desaparece, em que a tumba está tão próxima que parece inútil começar um gesto que será abandonado assim que for iniciado. Nada a fazer com os velhos.

A criança

Tampouco grande coisa com os homens de idade madura. Quando chegam à idade de trinta ou quarenta anos sem ter sentido necessidade de participar das lutas sociais de nosso tempo, é bem difícil conduzi-los a isso. Eles fundaram uma família, escolheram uma carreira ou profissão; traçaram um plano para sua existência; sua tranquilidade exige que nada mudem nesse plano. E depois, eles já estão tão cansados com a luta pela vida, e tão decepcionados pelos dissabores que foram encontrando pelo caminho, que não querem se lançar à batalha. Não querem correr seus riscos. Não, isso está acima de seus esforços.

Mas se eu disse: nada a fazer com os velhos e pouca coisa com os homens de idade madura, acrescento: há muito a esperar, ao contrário, dos jovens. Os jovens possuem ardor, energia, força, entusiasmo. Eles não recuam diante de nada, de nenhum obstáculo. São frequentemente censurados pela temeridade e exageros: isso é um erro. Essas são condições indispensáveis para o sucesso.

Basta apresentar aos jovens, cujo coração ainda não sofreu decepções, cuja imaginação permanece ardente, cujo pensamento é lúcido, cuja vontade é forte, cuja consciência ainda não foi corrompida, basta apresentarlhes um ideal puro, nobre, para que eles se tornem os servidores desse ideal, seus defensores desinteressados, fervorosos e generosos.

Nada a fazer com os velhos, não muito com os homens maduros, muito com a juventude.

E acrescento, para terminar: tudo com a criança. A criança é o futuro; a criança é a semente: a semente hoje, a espiga amanhã, a colheita depois de amanhã.

Pois bem! Nós, militantes, temos as mãos cheias de verdades. Essas verdades, são as sementes que contêm todo o futuro. Evitemos aprisioná-las e conservá-las possessivamente em nossas mãos. Nós não as adquirimos unicamente com nosso esforço. Nós as devemos

aos esforços daqueles que vieram antes de nós, e por isso devemos espalhar por todos essas verdades que recebemos de todos. Abramos generosamente nossas mãos, lancemos livremente essas verdades nos sulcos recentemente cavados, nos sulcos da infância. Prepararemos assim as mais belas colheitas. Sejamos como bons lavradores. Se não aproveitarmos dessa colheita, nossos filhos, aqueles que nos seguem e que amamos, por quem trabalhamos, aproveitarão dela. E essa será nossa recompensa.

Tradução do francês por Martha Gambini.

Notas

¹ Conferência realizada em Paris, em 4 de janeiro de 1921. (N. E.)

A criança

RESUMO

A criança não é nem um anjo, nem um demônio — Ela é a consequência física, intelectual e moral das gerações anteriores — Ela é resultado da hereditariedade, da educação e do ambiente — Importância capital do problema da educação — Cultura física — Cultura intelectual: a escola atual: seu programa, seus métodos, suas condições — Cultura moral: severidade ou brandura? Proibição ou liberdade? — O exemplo. A reciprocidade. — A criança é o futuro!!!

Palavras-chave: criança, educação, liberdade.

ABSTRACT

The child is neither an angel, nor a demon — He is the physical, intellectual and moral consequence of earlier generations — He is the result of the inheritance, the education and the environment — Utmost importance of the education problem — Physical culture — Intellectual culture: the current school: its programs, methods, conditions — Moral culture: harshness or mildness? Prohibition or freedom? — The example: reciprocity — The child is the future!!!

Keywords: child, education, freedom.

Indicado para publicação em 16 de setembro de 2008.